

JOHN MILTON  
ENCONTRA A CENA  
conversações sobre o Paraíso

## **Conselho Editorial**

Alexandre Mariotto Botton – UNEMAT/Tangará da Serra

Alice Áurea Penteadó Martha – UEM/Maringá

Aroldo José Abreu Pinto – UNEMAT/Tangará da Serra

Diana Navas - PUCSP/São Paulo

Diógenes Buenos Aires de Carvalho – UESPI/Teresina

Edgar Roberto Kirchof – ULBRA/Canoas

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira – Unesp/Assis

João Luís Cardoso Tápias Ceccantini – UNESP/Assis/SP

Marly Amarilha – UFRN/Natal

Rosa Cuba Riche – CAp- UERJ

Sara Reis da Silva - Universidade do Minho/Portugal

Silvana Augusta Barbosa Carrijo – UFG/Catalão

Thiago Alves Valente – UENP/Cornélio Procópio

Valter Henrique de Castro Fritsch – FURG/Rio Grande

Vera Teixeira de Aguiar – PUCRS/Porto Alegre

Luiz Fernando Ferreira Sá

JOHN MILTON  
ENCONTRA A CENA  
conversações sobre o Paraíso

MERCADO®  
LETRAS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Sá, Luiz Fernando Ferreira

John Milton encontra a cena [livro eletrônico] : conversações sobre o paraíso / Luiz Fernando Ferreira Sá. – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2023.

ePub

ISBN 978-85-7591-689-6

1. Análise literária 2. Crítica literária 3. Milton, John, 1608-1674 – Crítica e interpretação 4. Poesia inglesa I. Título.

23149561

CDD-821

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Poesia : Literatura inglesa 821

*capa e gerência editorial:* Vanderlei Rotta Gomide  
*preparação dos originais:* Editora Mercado de Letras  
*revisão final* do autor  
*bibliotecária:* Aline Grazielle Benitez – CRB-1/3129

Esta obra contou com  
o apoio financeiro da  
CAPES/PROAP e PPGIEL/UFMG  
para a sua publicação na versão ebook

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-letras.com.br](http://www.mercado-de-letras.com.br)

[livros@mercado-de-letras.com.br](mailto:livros@mercado-de-letras.com.br)

1ª edição

**2 0 2 3**

FORMATO DIGITAL

BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução ou armazenamento  
parcial ou total ou transmissão de qualquer  
meio eletrônico ou qualquer meio existente  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

*DEDICATÓRIA*

*À minha mãe e a meu pai,  
À saudosa professora e orientadora  
Eneida Maria de Souza.*

---

Versões dos capítulos deste livro apareceram em forma de artigo nas seguintes revistas: *Terra Roxa e Outras Terras* (2003), *Itinerários* (2003), *Literatura em Debate* (2008), *Revista do Centro de Estudos Portugueses* (2010), *Aletria* (2014), *CROP* (2002), *Em Tese* (2003), *Aletria* (2009) e *Fragmentos* (2009). Todos os direitos autorais são do autor.

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 9

*Eneida Maria de Souza*

## **PARTE 1**

O PARAÍSO PERDIDO ENCONTRA A CENA

Cena 1: HISTÓRIA 15

Cena 2: NAÇÃO 31

Cena 3: MITO 41

Cena 4: JARDIM 57

Cena 5: ESPAÇO ÉPICO 71

## **PARTE 2**

O PARAÍSO PERDIDO EM CONTRACENA

Contracena 1: IMPÉRIO E PODER 85

Contracena 2: CRISE 97

Contracena 3: LEITURA DO PARAÍSO

A PARTIR DE GAYATRI SPIVAK 105

Contracena 4: LEITURA DO PARAÍSO

A PARTIR DE HOMI BHABHA 121

Contracena 5: LEITURA DO PARAÍSO

A PARTIR DE EDWARD SAID 143

Contracena 6: IMAGINAR O PARAÍSO 159

REFERÊNCIAS 185





apresentação  
Paraíso reencontrado

Preparem-se leitores para desfrutar do mais instigante livro que têm em mãos, *John Milton encontra a cena: conversas sobre o Paraíso*. A publicação merece ser lida por todos aqueles que se dedicam à pesquisa teórica e crítica dos revolucionários autores pós-colonialistas que transformaram a visão homogênea dos estudos colonialistas europeus. De grande repercussão nos anos de 1990 no interior dos estudos culturais acadêmicos no Brasil e no mundo, os atores protagonizados nesta pesquisa necessitam ser revitalizados nos nossos dias, pela eficácia demonstrada no tratamento de questões tão significativas para a (des)leitura desses temas.

Stuart Hall, Edward Said, Gayatri Spivak, Homi Bhabha, devidamente respaldados por Paul de Man, Jacques Derrida, Foucault e Nietzsche, entre outros, exercem papel de extrema importância no campo dos estudos literários, culturais e comparados, à medida que representam a voz de países e literaturas periféricas, considerada, até pouco tempo, desvalorizada e submissa aos desígnios impostos pelo cânone imperial. Sem se posicionar contra as culturas dominantes, mas em diálogo e negociação com as mesmas, a estratégia pós-colonialista, embora recebendo hoje outras denominações, como a descolonialista – uma vez que o prefixo e os conceitos sofrem com as mudanças climáticas e políticas – torna-se cada vez mais necessária e urgente.

A abordagem de *O Paraíso Perdido* realizada por Luiz Fernando Ferreira Sá tem o mérito de mesclar a análise literária, cultural com a teórica, por fornecer ingredientes epistemológicos que iluminam leituras anteriores e apontam equívocos interpretativos sobre a obra, ao ser negligenciado seu teor ambivalente e indecível. Para se chegar a esse raciocínio, com a ajuda de tais autores e pautada por uma visão atual, procedeu-se ao descarte da lógica binária e com ela dos preconceitos arraigados das diferenças

ancestrais entre metrópole e província, velho mundo e mundo novo, centro e periferia. As relações são equacionadas de modo a não se privilegiar um polo em detrimento de outro, mas de restituir aos povos periféricos um lugar de presença e não apagamento. Trata-se, nas palavras de Edward Said, “de uma des-euro-centralização da literatura comparada”. Fruto de posição crítica equilibrada e erudita, o ensaio recupera estratégias de (des)leitura, ao se centralizar em várias abordagens dos autores pós-colonialistas em torno de um épico canônico e clássico de literatura do século XII inglês:

Uma vez que todo e qualquer ato de reconhecimento e toda e qualquer ação de leitura se dão principalmente no simbólico, podemos inferir que todo reconhecimento é desconhecimento e que toda leitura é uma desleitura. (...) A importância radical de tal constatação é que o paraíso de Milton, na minha desleitura, torna-se uma pedra angular do termo pós-colonial: espaço de negociação, lugar de resgate do que foi recalçado, local de conflito e crise. (p. 78)

As considerações que envolvem a chave pós-colonial põem em questão o estatuto do novo, da origem, capaz de instaurar a desconstrução pós-estruturalista e pós-colonialista, por meio da qual inverte-se a prioridade concedida aos nascimentos culturais imperialistas, à produção identitária a cargo do europeu. No pensamento brilhante de Foucault, a origem já se impõe na sua descontinuidade: “a genealogia é cinza; ela é meticulosa e pacientemente documentária. Ela trabalha com pergaminhos embaralhados, riscados, várias vezes reescritos”. Proceda-se, assim, à leitura revisionária desses autores, principalmente se pensarmos como Homi Bhabha de que “não podemos sucumbir à nostalgia de uma origem perdida” (p. 90). O “outro” pós-colonial irá abrir as portas para apontar, ainda segundo Bhabha, o espaço que se afirma como “suplementar” ao centro metropolitano, utilizando o conceito de Derrida de suplemento, distinto da ideia de acréscimo, mas referente ao excesso, que foge à complementaridade: “o espaço pós-colonial é agora ‘suplementar’ ao centro metropolitano; esse espaço

se coloca numa relação subalterna que não monumentaliza a presença do ocidente, mas que redesenha as suas fronteiras ameaçadas e antagônicas” (p. 107, *apud* Bhabha 1990, p. 318).

Uma das inúmeras qualidades deste ensaio reside na visão do Paraíso de Homi Bhabha, em que são postulados os princípios do terceiro espaço, dotado de ambivalência, a partir das interpretações de Roland Barthes e Spivak, como lugar de negociação das posições pós-coloniais. O reconhecimento do terceiro espaço instaura, de modo contundente, o feixe de relações que serão urdidos a partir de outras concepções de literatura comparada, se tomarmos o exemplo brasileiro, na figura de Silviano Santiago. O conceito de entre-lugar, de 1981, anterior portanto às teorizações do teórico indiano, resulta das leituras seminais de Derrida, assim como estas foram para Bhabha e Spivak, tradutores dessa posição que permitiu questionar os binarismos e inaugurar a abertura para a (des)leitura do cânone ocidental.

O livro que no momento é compartilhado por leitores de várias gerações, fornece excelente contribuição aos textos que são devidamente citados (a tradução para o português facilita sobremaneira o conhecimento do quadro teórico) ao lado de fragmentos do épico inglês. As ponderações sensatas do ensaísta deverão ser cuidadosamente assimiladas, por se tratar de um tema de difícil raciocínio e que tem encontrado tanto adeptos quanto opositores, os quais ou desmerecem ou reconhecem o alto alcance de suas revolucionárias posições. Luiz Fernando Ferreira Sá, ao construir o objeto de análise com base no épico de Milton, não se fecha numa interpretação sobre determinada época ou nação, mas se expande no campo multivalente e heterodoxo de obras consideradas subalternas, tornando útil sua função performativa. Importante remeter às citações das obras contemporâneas as quais são exploradas, de forma distinta, o mesmo tema: *Paradiso*, de Lezama Lima, *The Satanic Verses*, de Salman Rushdie, *Omeros*, de Derek Walcott.

Torna-se ainda oportuno lembrar que este ensaio pertence a uma linha de pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-graduação da Faculdade de Letras da UFMG, sendo o autor pertencente ao quadro docente da ins-

tituição, o que registra o teor pioneiro dos estudos na área. Some-se a isso que a Editora UFMG, dirigida por Wander Melo Miranda até pouco tempo, foi responsável pela tradução de obras de crítica cultural e pós-estruturalista de grande repercussão no meio acadêmico brasileiro, como Stuart Hall, Homi Bhabha, Spivak, Paul Gilroy, Jacques Derrida, entre outros.

Aos futuros leitores de *John Milton encontra a cena*: conversas sobre o Paraíso, um aceno à profunda reflexão aí contida, considerando-se que esta obra não se restringe à revisão de uma matéria pós-colonialista sobre um clássico inglês, mas se dirige também ao presente, com o fortalecimento de equívocos e vícios interpretativos sobre conceitos que permanecem até hoje em discussão. Se nossos contemporâneos se inclinassem a rever os textos desses autores, poderiam chegar a uma compreensão mais esclarecedora do que se entende por nação, hibridismo, subalternidade, ambivalência e a interpretações condizentes com cada distinto território. O alerta continua para o futuro, uma vez que a fragilidade democrática e os preconceitos raciais e políticos ameaçam os tão importantes ideais de cidadania.

*Eneida Maria de Souza*

Professora Emérita da Faculdade de Letras da UFMG